

*A Marca do Z: a Vida e os Tempos do editor Jorge Zahar.*

Paulo Roberto Pires, Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Lincoln Secco

No início dos anos 1980 uma livraria quase na esquina da São Luiz com a Ipiranga, atrás do antigo prédio do Colégio Caetano de Campos, estava sempre apinhada de livros da Editora Zahar. Empoeirada, estreita, tinha uma geladeira onde se vendiam uns refrigerantes, testemunho da difícil e terminal situação financeira do negócio. O dono daquelas estantes que continham o imenso catálogo da editora berrava quando um dos clientes reclamava do preço de um livro velho vendido a preço de novo.

A pergunta que mais o irritava era: “mas aqui não é um sebo?”. Logo ele desfiava por horas o seu mau humor, falando sozinho, voz alta, que aquela era a livraria outrora frequentada por Caio Prado, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e, agora, tinha que aturar clientes sem cultura...

Se não me falha a memória aquela era a sucursal (fundada em 1954) da Livraria carioca “LER”, cuja importância na capital paulista nunca foi grande, como o próprio Jorge Zahar reconheceu, embora estivesse bem localizada, próxima à Maria Antonia e a outras livrarias como a Duas Cidades. Todavia, esta não é uma das histórias que o leitor encontrará desenvolvidas no livro do jornalista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Paulo Roberto Pires sobre o editor Jorge Zahar.

Ao se concentrar na trajetória do personagem central, Jorge Zahar, muitas informações dos negócios passam ao largo ou sequer são mencionadas. Acompanhamos a trajetória libanesa e francesa de seus antepassados, as andanças pelo Espírito Santo e Rio de Janeiro, a fixação no comércio e, dali, o salto para o mercado editorial e a produção de livros. O autor nota bem que seu personagem teve a perspicácia de criar um novo espaço dedicado às ciências humanas, ao lado da tradição literária e ensaística que correspondia à Livraria e Editora José Olympio.

O Catálogo da Zahar acompanhou a institucionalização dos cursos acadêmicos de Ciências Sociais no Brasil. Além disso, como também acentua corretamente o biógrafo, Jorge Zahar preferiu os livros de fundo de catálogo, de leitura permanente e de vendas vagarosas porém constantes. Nada mais justo, posto que ainda hoje suas edições são buscadas nos sebos e

usadas em cursos universitários. Caso mais longo, seguramente, e muito bem destacado por Paulo Roberto Pires, é o da obra *História da Riqueza do Homem*, que vendeu 300 mil exemplares e foi adotado em escolas secundárias pelo país todo. Eu me lembro do impacto que o livro de Leo Huberman teve sobre minha geração nos anos 1980, quando a velha Zahar não existia mais, tendo sido recriada em 1985 como Jorge Zahar Editor.

Dotado de algumas informações preciosas (sobre os tradutores, v.gr.), garimpadas em acervo familiar, jornais e bibliografia ampla, o autor reconstruiu o círculo de afinidades de Jorge Zahar, suas ambivalências diante da ditadura militar, seus ensaios de aproximação e distanciamento com o Partido Comunista e a longa amizade com o editor de esquerda Ênio Silveira e o jornalista conservador (primeiro trotskista) Paulo Francis.

Infelizmente, um livro repleto de boas fotografias e que documenta um pedaço importante da história editorial do Rio de Janeiro, apresenta também alguns defeitos que confundem o leitor. São informações desnecessariamente repetidas (como personagens apresentados duas vezes); são outros que invadem o texto sem apresentação prévia e sobre o qual nada ficamos sabendo (como uma professora que se torna amiga íntima do biografado sem que se saiba sua importância na narrativa); a dificuldade de identificar claramente a localização de algumas fontes; os desvios da trama sem que o autor consiga retornar ao curso principal etc.

O resultado é uma leitura quase apaixonada de uma trajetória de vida, mas não apaixonante. Falta-lhe qualquer visão crítica que poderia revelar mais problemas do que a linearidade que nenhum ser humano possui. O texto acaba por parecer encomendado ou uma propaganda oficial da atual editora.

Um exemplo são as várias páginas dedicadas à trajetória de Ênio Silveira e um pouco menos a Paulo Francis numa biografia que não é a deles. Sabemos de suas escolhas profissionais, dificuldades pessoais e até da conversão neoliberal de Paulo Francis e do desgosto de Ênio com ela. De fato, aquelas páginas cumprem a função de ressaltar o papel de moderador que Jorge Zahar parecia cumprir no triângulo amistoso. Sua amizade com o editor da Companhia das Letras Luiz Schwarcz, a trajetória deste e até detalhes da Livre Docência de Lilia Schwarcz na USP preenchem a biografia. Por outro lado, menos de um parágrafo nos informa sobre o que decerto terá sido um drama (quem sabe um tabu) familiar muito maior para o biografado: a separação dos três irmãos fundadores da Editora. Ainda assim, um livro que é uma fonte para a história editorial do Brasil.

O livro foi escrito antes da venda da Zahar para o grupo Penguin Random House que também controla a Companhia das Letras desde 2018.